



“AS ESCOLAS NÃO VÃO FECHAR, AS ESCOLAS SÃO NOSSAS, ALUNOS DE TODAS AS QUEBRADAS, TAMO JUNTO”: ANÁLISE ENUNCIATIVA DE ARTEFATO MUDIÁTICO SOBRE AS OCUPAÇÕES ESCOLARES DE SÃO PAULO/SP¹

Juliana Cotting Teixeira²
Gustavo da Silva Freitas³

RESUMO

Visamos demonstrar a análise de um produto midiático produzido sobre as ocupações secundaristas de São Paulo/SP, procurando extrair alguns enunciados presentes nas falas e imagens do filme. Utilizamos de elementos da análise enunciativa foucaultiana como ferramenta metodológica. Como resultados, encontramos dois enunciados, o da juventude-estudante, participativa e engajada politicamente e da ocupação como forma de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes; Ocupação; Escola.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento que vem buscando analisar os processos de produção de subjetividade das juventudes nas suas práticas de ocupação da cidade, tendo como recorte o *boom* de ocupações de escolas públicas de diversos estados do país pelos estudantes secundaristas nos últimos anos (2015-2016). Para esse texto, visamos demonstrar a análise de um produto midiático produzido sobre o movimento, intitulado “Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile: escolas ocupadas em São Paulo”, de Carlos Pronzato (2016), procurando extrair alguns enunciados presentes nas falas e imagens do filme, especialmente, no que se refere à produção de verdades sobre as juventudes e as ocupações em jogo.

O artefato em questão foi produzido num contexto de articulações estabelecidas entre as manifestações populares de junho - chamadas jornadas de junho - movimento de tomada das ruas pela reforma política no Brasil, em 2013, e a interlocução percebida pelo diretor entre a avalanche secundarista em São Paulo/SP e a Rebelião dos Pinguins, no Chile, em 2007⁴. O despertar das ocupações, segundo

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Federal de Rio Grande (FURG), juliana.cotting.tx@gmail.com

3 Universidade Federal do Rio Grande (FURG), gsf78_ef@hotmail.com

4 Informação retirada de entrevista em vídeo com Carlos Pronzato, publicada pelo site “Esquerda

o filme, esteve na proposta de reorganização escolar do governo Alckmin em que estavam previstos o fechamento de escolas, a transferência arbitrária de alunos e a mudança para o sistema de ciclos. O filme apresenta relatos de estudantes, pais e mães, líderes de movimentos sociais, especialistas historiadores e cientistas políticos, bem como, lança mão de uma série de recursos audiovisuais combinando cenas de agressões da polícia, gritos de guerra, músicas autorais sobre as ocupações, entre outros.

Concebemos o filme analisado como um veículo de comunicação e informação midiática, atravessado pelo processo de produção e recepção de sentidos (CHARAUDEAU, 2015). Assim, nosso enfoque se voltou a análise do produto midiático em si, nos restringindo a materialidade das enunciações presentes e dos efeitos de sentido em nós - analistas - produzidos.

METODOLOGIA

Estivemos em sintonia com Rosa Fischer (2002a) no que se refere ao caráter pedagógico das mídias, como “lugar de excelência de produção de sentidos na sociedade” (p. 158) e que “participam efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades [...] dirigindo-se à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar no mundo” (p. 153). Nessa perspectiva, as mídias não somente exercem o poder de produzir um discurso, mas também, de “reduplicá-lo ao seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que deve ser visto” (2002b, p. 86).

Utilizamos de algumas ferramentas da análise de discurso na perspectiva foucaultiana, especialmente, no que se refere à função enunciativa. Sua análise consiste em “não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos” (FOUCAULT, 2008, p. 55). Logo, a tarefa do analista não é a de interpretar os sentidos, mas de extrair suas condições de produção como discurso verdadeiro, de fazer aparecer sua exterioridade, de fazer ver os enunciados, essa “materialidade repetível” (p. 118), ao mesmo tempo não oculta e não visível. Para esse resumo, demonstramos a análise de dois enunciados encontrados através das enunciações do filme: o da *Juventude-estudante, participativa e engajada politicamente*; e o da *ocupação como forma de resistência*.

ANÁLISE DE DADOS

ENUNCIADO DA JUVENTUDE-ESTUDANTE, PARTICIPATIVA E ENGAJADA POLITICAMENTE

Notamos, com recorrência, menções a uma juventude que nomeia a multiplicidade envolvida nas ocupações como jovens participativos e engajados politicamente. Ao mesmo tempo, a referência a tal juventude apresenta-a como sinônimo de estudante. Logo, o artefato faz referência a um universo *jovem-estudantil*, que convoca os estudantes a serem mais jovens – e incorporar os marcadores subjetivos de uma conduta jovem transgressora, e os jovens a serem mais estudantes – e tomarem a

Diário”, em out/2016. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/VIDEO-Entrevista-com-o-cineasta-Carlos-Pronzato>>. Acesso em 22 mar. 2017.

luta pela escola como uma de suas rebeldias. Sua materialidade pode ser percebida em enunciações como “As escolas não vão fechar, as escolas são nossas, alunos de todas as quebradas, tamo junto”⁵, e se conecta, sobretudo, a um movimento recente de colocação do jovem em discurso pelo campo político, científico, entre outros⁶. Sua estratégia consiste em se utilizar da linguagem e estética da periferia, combinando músicas de *rap*, imagens de grafite e referências constantes às dificuldades de ser jovem-estudante-pobre de escola pública. Num contexto político mais amplo de afirmação das minorias, sensibilizar o receptor via posição de classe constitui uma das estratégias de fazer funcionar determinada verdade jovem-estudantil.

A posição de sujeito privilegiada assenta-se no jovem da experiência, isto é, aquele que tendo participado das ocupações, pode sentir a dor e a delícia do engajamento. De um lado, pelo conforto gerado por sua conduta jovem-estudantil, estampada em enunciações de elogio, como “Parabéns aos estudantes” e “Eles estão mudando o rumo da nossa escola”⁷, e de outro, pelas suas experiências de confronto com a polícia, o “dar a cara a tapa”. A materialidade do jovem da experiência como sujeito privilegiado a falar das ocupações inscreve-se na enunciação: “Por mais que recebemos ajuda e auxílios, o protagonismo é nosso, a luta é nossa”. Aqui, como pano de fundo, observa-se estrategicamente parte da cozinha da escola limpa, dos espaços organizados ou da biblioteca aberta, como forma de dar legitimidade ao protagonismo do “jovem-estudante em luta e que diz de si”.

No que se refere a coexistência com outros enunciados, o articulamos ao enunciado do *sujeito de direitos*. Sua ascensão se dá, especialmente, pós redemocratização do país e aplicação dos direitos e garantias fundamentais presentes na Constituição Federal de 1988, proliferando os rostos do sujeito jurídico de direitos em diferentes populações: crianças e adolescentes de direitos (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990); idosos de direitos (Estatuto do Idoso, 2003); índios de direito (Estatuto do Índio, 1993); juventude de direitos (Estatuto da Juventude, 2015); pessoas com deficiência de direitos (Estatuto da pessoa com deficiência, 2015), entre outros. A existência material do enunciado do sujeito de direitos como um saber verdadeiro da nossa época funciona como apoio à elevação da juventude-estudante participativa e engajada politicamente ao status de verdade.

ENUNCIADO DA OCUPAÇÃO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Aqui, nos debruçamos sobre a recorrência do slogan “Ocupar é resistir” exposto nos cartazes e nas falas do filme. Nos últimos anos, assistimos a mudanças

5 Essa enunciação refere-se a um grito de guerra proferido por um estudante secundarista sobre um palco da escola, repetido em coro pelos seus pares em momento de assembleia.

6 Vale destacar aqui a criação, nos últimos anos, da Secretaria Nacional da Juventude (2010), do Estatuto Nacional da Juventude (2015), conselhos e conferências em nível estadual, federal e municipal, bem como, o fortalecimento da temática da juventude no campo acadêmico (ABRAMO, 1997), demonstrando, especialmente, o direito e necessidade de participação política como marca dessa população. Sobre a referência recorrente a uma juventude-estudante, vale destacar o quanto os documentos políticos mencionados apresentam a condição estudantil como um *a priori* jovem, excluindo do alcance político aqueles jovens, compreendidos entre 15 e 24 anos, não estudantes ou que não almejam articular o estudo aos seus modos de vida.

7 Enunciações referentes a falas de pais, mães, professores e estampadas em cartazes mostrados no filme.

significativas no campo da ação política e participação popular com um notável enfraquecimento das estruturas sindicais como representativas das necessidades de seus pares, e, paralelamente, do modelo de greve, caracterizada como prática de evadir de determinado espaço físico como principal manifestação de resistência. Como uma das respostas ao esvaziamento dos efeitos desses modos históricos de manifestação política, notamos a emergência de outros tipos de movimentos adquirindo status de verdadeiro no que se refere às reivindicações de grupos e de massas: as ocupações⁸. Hoje, as ocupações ascendem como modo primeiro de manifestação política *jovem* no país, produzindo outras relações entre multidão e Estado, bem como, lançando outros olhares a participação política tradicional.

O direito privilegiado de fala encontra-se sob domínio daqueles que vão as ruas e instituições para mudar o país, são eles: jovens-estudantes em prol da escola pública, moradores sem terra e sem teto em prol de território e moradia, o povo em massa nas ruas em prol da reforma política. O ocupante, posição de sujeito desse enunciado, não só faz reverberar seu slogan, como torna evidentes as relações assimétricas de poder entre os diferentes sujeitos que fazem a cidade. Afinal, se os estudantes ocupam a escola, mesmo que sob a enunciação de que “ocupamos o que é nosso”, faz-nos ver que esse “nosso” não é tão nosso assim, desconstruindo a linearidade entre o *discurso da instituição pública construída pelo povo* e o cotidiano concreto da instituição, massacrada constantemente com projetos de lei, reformas, medidas e políticas verticais visando regular, controlar e, sobretudo, limitar a ação política imanente dos sujeitos que ali vivem, trabalham e estudam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do enunciado da Juventude-estudante, participativa e engajada politicamente, nos faz perceber o caráter contingente e produzido daquilo que se espera de uma juventude-estudante contemporânea. A juventude, bem como, seus múltiplos sentidos e relações possíveis, é produzida discursivamente em meio a práticas de saber e poder próprias de um tempo histórico-cultural vivido.

Já o enunciado da ocupação como forma de resistência, nos fez perceber as transformações nos modos como damos sentido às manifestações políticas contemporâneas, e retomar a premissa foucaultiana de que “não foi sempre assim”. Desse modo, podemos concebê-las como *slogans* do nosso tempo, forjadas por uma trama de acontecimentos discursivos e políticos que vão ascendê-la ao status de verdade nos dias de hoje. Assim, torna-se possível mantermos um diagnóstico do presente atento aquilo que vem tornando possíveis nossas verdades, e, sobretudo, mantermos acesa a análise dos perigos que as cercam, uma vez que até mesmo as práticas mais inventivas de resistência podem, num piscar de olhos, dispor-se sobre territórios conservadores e pacificados.

⁸ Alguns movimentos que se utilizaram da tática da ocupação como forma de resistência foram a Primavera Árabe no norte da África, o Movimento 15 de Maio (15M) na Europa e o movimento Occupy Wall Street, nos EUA, o OcupaRio e as Jornadas de Junho, no Brasil, entre outros.

“THE SCHOOLS WILL NOT CLOSE, THE SCHOOLS ARE OURSELVES, STUDENTS OF ALL BROKERS, SO TOGETHER”: ENUNCIATIVE ANALYSIS OF A MIDITICAL ARTIFACT ON THE SCHOOL OCCUPATIONS OF SÃO PAULO / SP

ABSTRACT: *We aim to demonstrate the analysis of a media product produced on the secondary occupations of São Paulo /SP seeking to extract some statements present in the speeches and images of the film. We use elements of Foucault's enunciative analysis as a methodological tool. As results, we find two statements, that of youth-student, participatory and politically engaged and occupation as a form of resistance.*

KEYWORDS: *Youths; Occupation; School*

“LAS ESCUELAS NO SE CERRARÁ, LAS ESCUELAS SON NUESTRAS, ESTUDIANTES DE TODOS, ESTAMOS EN ESTO JUNTOS”: ANÁLISIS ENUNCIATIVO DE UN ARTEFACTO MEDIÁTICO SOBRE LAS OCUPACIONES ESCUELAS EM SÃO PAULO / SP

RESUMEN: *Nuestro objetivo es demostrar el análisis de un producto mediático producido sobre las ocupaciones de las escuelas secundarias de Sao Paulo/SP tratando de extraer algunas declaraciones presentes en las palabras y las imágenes de la película. Utilizamos de elementos de análisis enunciativo de Foucault como una herramienta metodológica. Como resultado, nos encontramos con dos declaraciones, los jóvenes y estudiantes, participativos y comprometidos políticamente y la ocupación como una forma de resistencia*

PALABRAS CLAVE: *Jóvenes; Ocupación; Escuela.*

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, Mai/Jun/Jul/Ago, n. 6, Set-Dez, p. 25-36, 1997.

Carlos Pronzato, Esquerda Diário. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/VIDEO-Entrevista-com-o-cineasta-Carlos-Pronzato>>. Acesso em 22 mar. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FISCHER, Rosa. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FISCHER, Rosa. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**. nº 20, p. 83-154, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.